

Ficha técnica
Credits

Direção Director	Desenho Gráfico Layout and Graphic Design
Miguel Leal Rios	MIGUELRIOS DESIGN
Texto Text	Paginação Pagination
Aurélien Le Genissel	João M. Machado
Traduções Translations	Agradecimentos Acknowledgements
José Roseira	A artista agradece especialmente a André Cepeda e Sara Coelho, Rui Toscano, Natxo Checa, Joana Leão e Miguel Leal Rios
Produção Production	
UMA LULIK	
Fundação Leal Rios	
Direcção de Produção Production Direction	
Inês Teixeira	
Montagem Setup	
Patrick Couto	
Fernando Lopes	
André Tasso e Luis Simões	
Vitor Tomás	
Belvana, Lda – Produção de Vinil	

11

00

Produção \ Production



Visitas à exposição
Exhibition visits

Quartas a Sábados
14:30h — 19:00h
—
Wednesday until Saturday
2:30 pm. — 7:00 pm.

www.lealriosfoundation.com
Rua do Centro Cultural, 17-B
1700-106 Lisboa, PORTUGAL
T \ +351 210 998 623
F \ +351 218 822 574
E \ contact@lealriosfoundation.com

Transportes
Transportation

Autocarros
Buses

717 — 731 — 735 — 745
— 750 — 755 — 767

Metro
Subway

Linha Verde (Estação: Alvalade)
Green Line (Station: Alvalade)

Apoio \ Support



AnaMary Bilbao

J'avale la vague qui me noie
le soleil de midi

20.05
19.09 \ 2021



www.lealriosfoundation.com
Rua do Centro Cultural, 17-B
1700-106 Lisboa, PORTUGAL

T \ +351 210 998 623
F \ +351 218 822 574
E \ contact@lealriosfoundation.com

AnaMary Bilbao

J'avale la vague qui me noie le soleil de midi

— PT —

20.05 — 19.09²¹

Le ciel de midi

É raro começar-se um texto a confessar uma limitação. Hoje vou fazê-lo: confessar a impossibilidade de abrancar em algumas linhas todas as camadas, meandros, caminhos e interpretações que encontro em *J'avale la vague qui me noie le soleil de midi*. A coerência e profundidade da exposição que AnaMary Bilbao apresenta na Fundação Leal Rios remete de imediato para algumas das questões essenciais do pensamento contemporâneo. Começando pela reflexão sobre o estatuto da imagem que caracteriza toda a sua obra, mas que neste caso se complementa com uma série de referências e pontos de partida que alargam *ad infinitum* o espírito dos problemas que aborda.

A exposição é baseada no famoso livro de Georges Bataille *Le bleu du ciel* (1935) e na canção *Almost Blue* (1987) de Elvis Costello, interpretada por Chet Baker. Em diferentes trabalhos, nos quais a artista trabalha com negativos encontrados por acaso em feiras da ladra — apresentados em diferentes formatos como fotografia, projeção ou vídeo —, descobrimos uma fenomenologia das condições do aparecimento da imagem. E com ela, uma manifestação exemplar daquilo a que Heidegger chamou, no seu famoso texto *A Origem da Obra de Arte*, o «combate ontológico» da arte: a capacidade de vislumbrar a abertura do ser e de lidar com nossa finitude. A referência não é gratuita, já que a exposição de AnaMary Bilbao é herdeira de um pensamento que é inaugurado por Nietzsche e continuado por Walter Benjamin, Bataille, Maurice Blanchot e Georges Didi-Huberman e tem o seu foco em temas centrais como a indeterminação, o fim do absoluto ou as aporias do tempo e da representação — o que, em última análise, tem sido referenciado como a superação da metafísica.

E quem melhor do que Bataille para nos servir de guia, ele cuja escrita navega nos interstícios entre o sublime e o fortuito, o espiritual e o perturbador, o eterno e o efémero — tal como as obras de Bilbao. Uma inversão de valores, como diria o próprio Nietzsche, que encontramos, por exemplo, no céu vazio que dá título ao livro do autor francês, um céu que já não é o reflexo do transcendente, mas

o abismo de uma angústia incontrolável; uma inversão que podemos reconhecer perfeitamente nas citações que se projetam na série *Dirty*¹ (2021) ou no título paradoxal de outra série: *Découvre le ciel dans le bas* (2021). Uma inversão que encontramos também, de forma mais prosaica, na passagem do negativo ao positivo e no aparecimento daquele azul que já não é, como na tradição pictórica, o símbolo do «imenso», do «puro», o ideal, mas aparece «cinza», «enegrecido», «aracniano». Um vazio que gera «vertigem», como explica a artista, o mesmo sentimento ambíguo a que Poe² chamou o «demónio da perversidade»³.

Não é sem razão que se fala deste «duplo gesto de apagamento e criação»⁴ na obra de AnaMary Bilbao, mas a verdade é que este duplo gesto é um gesto único, exatamente um gesto duplo, um gesto fundador. Uma tentativa de superar as dicotomias redutoras da metafísica. Da mesma forma que a luz causa ou pressupõe a obscuridade, como vemos no seu primeiro vídeo *Lighted by a Searing Light* (2018), o vazio é a condição de possibilidade para o surgimento do ser, para o aparecimento daquelas flores que vemos em *Les fleurs soient toujours éphémères*⁵ (2021). Não há absoluto, não há completude — como Kurt Gödel demonstrou tão perfeitamente —, não há interpretação única. Veja-se a multiplicidade da série *Daydreams* (2021), na qual a artista joga com a mesma liberdade hermenêutica da narrativa visual que é tão fecunda no melhor cinema de JL Godard, Guy Debord ou Chris Marker⁶ — não há certeza de um caminho traçado, como podemos ver na obra *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (2021). Entre sonho e realidade, aparência e memória, ficção e testemunho, a imagem abre o possível: indeterminada como o líquido, que Bilbao imagina veneno, ingerido pelos protagonistas indefinidos da série *Daydreams*. É impossível não pensar na figura Derridiana do *phar-makon*, veneno e salvação ao mesmo tempo, exemplo perfeito dessa diferença que reconhecemos no cerne estético e conceptual da obra de AnaMary Bilbao.

A ontologia estética proposta por Bilbao cristaliza perfeitamente as contradições inerentes à era pós-moderna: ressurgimento e desaparecimento, representação e sonho, narrativa e saturação visual. O peso do céu azul é inquietantemente estranho (*Das Unheimliche* de Freud), quase insuportável, como a paisagem fantasmagórica dilacerada por um grito solitário em *Almost blue* (2020) — um vídeo que parece um quadro de Turner montado por Jarman com música de David Lynch. O visual alterna entre escuridão e luz e o «céu do meio-dia», imaginado por Bataille, aparece no meio da noite e no fundo escuro de cada quadro. A memória encontra o seu caminho em formas e manchas impossíveis que desgastam a visão.

A tradução do texto para Português não foi feita ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico

AnaMary Bilbao

AnaMary Bilbao (PT/ES, 1986) debruça-se sobre documentação de diferentes fontes (fotografia, desenho, som, imagem em movimento). O seu trabalho tem revelado um interesse crescente pela literatura, fazendo referência a nomes como Louis Auguste Blanqui, Arthur Rimbaud ou Georges Bataille, entre outros.

Em 2019, Bilbao foi nomeada para a 13ª Edição do Prémio Novos Artistas da Fundação EDP (Portugal), foi uma das bolsistas da FCT (2015–2019) e investigadora no departamento de Cinema, Media e Estudos Culturais da Birkbeck – Universidade de Londres (Reino Unido) (2018–2019).

O seu trabalho foi recentemente exposto no MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (Lisboa), Galeria Zé dos Bois / Novo Negócio (Lisboa), FLR – Fundação Leal Rios (Lisboa), Fundação PLMJ (Lisboa), Centro de Convenções de Toronto (Toronto), MACE – Museu de Arte Contemporânea (Elvas), Galeria Boavista – EGEAC (Lisboa) e Cristina Guerra Arte Contemporânea (Lisboa).

A obra de AnaMary Bilbao está representada em colecções privadas (PT, ES, FR, GB, DE, RU, BR) e nas colecções públicas e privadas nacionais tais como a Coleção António Cachola / MACE; Coleção de Arte Contemporânea Figueiredo Ribeiro / quARTel; Coleção SILD – Julião Sarmento; FLR – Fundação Leal Rios; Fundação PLMJ; C.M.S. – Câmara Municipal de Sintra / MU.SA; Coleção Fundação EDP / MAAT.

Actualmente a artista é representada pela Galeria UMA LULIK_. Vive e trabalha em Lisboa.

AnaMary Bilbao

AnaMary Bilbao (PT/ES, 1986) articula documentation from different sources (photography, drawing, sound, moving image). Her work has been showing a growing interest in literature, making reference to names like Louis Auguste Blanqui, Arthur Rimbaud or Georges Bataille, among others.

In 2019 Bilbao was nominated for the 13th Edition of EDP Foundation's New Artists Award (Portugal), she was one of the recipients of a grant from FCT (2015–2019), and a researcher in the department of Film, Media and Cultural Studies at Birkbeck – University of London (United Kingdom) (2018–2019).

Her work has been recently exhibited at MAAT – The Museum of Art, Architecture and Technology (Lisbon), Zé dos Bois Gallery / Novo Negócio (Lisbon), FLR – Fundação Leal Rios (Lisbon), PLMJ Foundation (Lisbon), Toronto Convention Centre (Toronto), MACE – Museum of Contemporary Art (Elvas), Boavista Gallery – EGEAC (Lisbon) and Cristina Guerra Contemporary Art (Lisbon).

AnaMary Bilbao's work is represented in private collections (PT, ES, FR, GB, DE, RU, BR) and in the national public and private collections such as Coleção António Cachola / MACE; Coleção de Arte Contemporânea Figueiredo Ribeiro / quARTel; Coleção SILD – Julião Sarmento; FLR – Fundação Leal Rios; Fundação PLMJ; C.M.S. – Câmara Municipal de Sintra / MU.SA; Coleção Fundação EDP / MAAT.

Currently Bilbao is represented by UMA LULIK_ Gallery. She lives and works in Lisbon.

8 \ *Daydreams (II)*, 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
96,5 × 136,6 × 4 cm

9 \ *Daydreams (III)*, 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
96,5 × 136,6 × 4 cm

10 \ *Les fleurs soient toujours éphémères* (2021)
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
43,5 × 41,5 × 4 cm

11 \ *Daydreams (IV)*, 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
25,9 × 37 × 4 cm

12 \ *Almost blue*, 2020
Video HD , cor, som , 5'56" (loop)

8 \ *Daydreams (II)*, 2021
Inkjet print on cotton paper,
96,5 × 136,6 × 4 cm

9 \ *Daydreams (III)*, 2021
Inkjet print on cotton paper,
96,5 × 136,6 × 4 cm

10 \ *Les fleurs soient toujours éphémères* (2021)
Inkjet print on cotton paper,
43,5 × 41,5 × 4 cm

11 \ *Daydreams (IV)*, 2021
Inkjet print on cotton paper,
25,9 × 37 × 4 cm

12 \ *Almost blue*, 2020
HD video, color, sound, 5'26" (loop)

Como escreve Georges Didi-Huberman em *Sobreivência dos Vaga-Lumes*, «A imagem é pouca coisa: resto ou fissura (*fêlure*). Um acidente do tempo que a torna momentaneamente visível ou legível.».

Assim são as obras de AnaMary Bilbao: tempo visível, acidentes do tempo que sobrevivem ao esquecimento, vaga-lumes, «corpos luminosos, passageiros na noite», segundo a bela definição de Walter Benjamin. E, como já dissemos, a noite de Blanchot⁷ e o azul do céu são duas faces da mesma moeda. A imagem salva a memória e mostra a passagem inexorável do tempo, recupera uma recordação e condena todas as outras, pretende sobreviver, fragmentada e manchada, à passagem do tempo.

A obra de AnaMary Bilbao vive nesta posição ambivalente, um espaço no qual o céu perdeu a majestade, o azul é o rastro — Derrida novamente — da corrosão física do tempo, no qual o amor é feito sobre um túmulo, onde os caminhos que não levam a lugar algum — Heidegger de novo — e há sempre um *Almost* que tudo quebra.

Nesta oscilação «entre a derradeira iminência da morte e uma possibilidade libertadora e redentora», como refere a própria artista ao descrever o poema de Bataille, *La Mort*, que dá título à exposição e que nada mais é do que o imperfeito resto do azul do céu. Uma finitude. Uma fissura. Uma incompletude. Uma marca de nitrato de prata, um gesto suspenso que abre a história, uma paisagem que já não cura.

E tantas outras coisas que estas obras escondem que não podemos abraçar na sua totalidade.

X

¹ Referência à personagem feminina do livro, que também joga com a figura feminina como um ideal invertido.

² *The Imp of the Perverse* (1845)

³ A vertigem que é sentida quando «se vira a melodia azul» ou a «imensidade do céu estrelado», como explica Bilbao, é a mesma que se sente quando nos deixamos «cair» na decadência (*déchéance*), como explica Bataille na sua obra, uma aproximação ao religioso que desconstrói a relação entre imanência e transcendência, fiscalidade e espiritualidade, como podemos ver também nas imagens da exposição.

⁴ Ensaio escrito por Bruno Marchand para a exposição individual *O último brilho da estrela que morre [The last gleam of a dying star]* na Galeria Uma Lulik, em Dezembro de 2018.

⁵ Novamente, uma referência ao efémero e à passagem do tempo, ao devir finito do ser e à flor como antonomásia da metafísica, como foi descrita por Angelus Silesius «A rosa é sem porquê. Floresce porque floresce.» e recuperada por Heidegger para definir a relação entre o ser e o nada.

⁶ «Uma ao lado da outra, as duas imagens intensificam a incerteza», explica Bilbao numa perfeita definição da montagem e do «terceiro sentido» de Roland Barthes - outra referência cuja sombra aparece em todo o processo da artista...

⁷ Este absoluto que é a «outra noite» em Blanchot e que tanto se relaciona com a luz de Bataille. «Dans cette nuit opaque, je m'étais rendu ivre de Lumière» escreve Bataille. Mas este é um tema mais vasto.

AnaMary Bilbao

J'avale la vague qui me noie le soleil de midi

— EN —

20.05 — 19.09²¹

Le ciel de midi

Rarely does one begin a text by confessing a limitation. That is what I will do today: confess the impossibility of covering in a few lines all the strata, twists, pathways, and interpretations that I find in *J'avale la vague qui me noie le soleil de midi*. The coherence and depth of the exhibition that AnaMary Bilbao presents at the Leal Rios Foundation immediately brings up to mind some of the essential questions of contemporary thought. The reflection on the status of the image that characterizes all her work, here is complemented with a series of references that expand *ad infinitum* the range of problems she usually addresses.

The exhibition is inspired by George Bataille's famous book *Le bleu du ciel* (1935) and by Chet Baker's interpretation of Elvis Costello's *Almost Blue* (1987). Working with negatives found by chance in flea markets to produce a series of works that are presented in a variety of formats — photographs, projections, and video — the artist suggests a phenomenology of the conditions for the apparition of images. And with it, an exemplary manifestation of what Heidegger called, in his famous text, *The Origin of the Work of Art*, the "ontological struggle" of art; the capacity to detect "an opening of Being" and to help us grasp and deal with our finiteness. The reference is not lost here, and AnaMary Bilbao's exhibition is heir to a line of thought that was inaugurated by Nietzsche and continued by Walter Benjamin, Bataille, Maurice Blanchot and Georges Didi-Huberman, focusing on the key issues of indeterminacy, the end of the absolute or the aporias of time and representation — which, ultimately, brought with them the overcoming of metaphysics.

And who better than Bataille to serve as a guide, he whose writings — like Bilbao's own works — negotiate the interstices between the sublime and the casual, the spiritual and the disturbing, the eternal and the ephemeral. An inversion of values, as Nietzsche himself would say, that we find, for example, in the empty sky the French author chose

to title his book. A sky that is no longer the reflection of the transcendental but an abyss of unrelenting anguish, an inversion that is perfectly recognizable in the quotes projected in the series *Dirty*¹ (2021) or in the paradoxical title of another series: *Découvre le ciel dans le bas* (2021). An inversion that can also be found, albeit more prosaically, in the passage from negative to positive and in the apparition of a blue that is no longer — as it is in pictorial tradition — the symbol of the "immense", the "pure", and the ideal, but appears "grey", "blackened", "arachnid". A void that generates "vertigo", as the artist explains; the same ambiguous feeling that Poe² referred to as the "Imp of the Perverse"³.

This "double gesture of erasure and creation" in AnaMary Bilbao's work⁴ has been mentioned before, and rightly so, but the truth is that this double gesture is a single gesture, a founding gesture. An attempt to overcome the limiting dichotomies of metaphysics. In the same way that light causes or presupposes obscurity, as we see in her first video *Lighted by a Searing Light* (2018), emptiness is the condition for the emergence of being, for the apparition of those flowers we see in *Les fleurs soient toujours éphémères*⁵ (2021). There is no absolute, there is no wholeness — as Kurt Gödel has demonstrated so perfectly — there is no single interpretation. This much is obvious in the diversity of the series *Daydreams* (2021), in which the artist plays with the same hermeneutic freedom of the visual narrative that was so fruitful in the best cinema by JL Godard, Guy Debord or Chris Marker⁶ — there is no certainty of a trodden path, as we can see in the work *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (2021). Between dream and reality, apparition and memory, fiction and evidence, images open the possible: indeterminate like the liquid, which Bilbao imagines poison, ingested by the indefinite protagonists of *Daydreams*. It is impossible not to think about the Derridian figure of the *pharmakon*, poison and salvation at the same time, a perfect example of this *difference* we recognize at the core of AnaMary Bilbao's aesthetic and conceptual work.

Bilbao proposes an aesthetic ontology that perfectly crystallizes the contradictions inherent to the postmodern era: resurgence and disappearance, representation and dream, narrative and visual overload. The weight of the blue sky is uncannily strange (Freud's *Das Unheimliche*), almost unbearable, like the ghostly landscape torn by a lonely scream in *Almost blue* (2020) — a video that looks like a painting by Turner, edited by Jarman with a score by David Lynch. Images balance between darkness and light and Bataille's "blue of noon" shines in the middle of the night and in the dark background of each painting.

le ciel était d'un bleu vif, mais tout avait lieu comme si l'orage allait éclater
(the sky was bright blue, but everything was happening as though a thunderstorm were about to break)

un nuage de suie noircissait le ciel... il dérobait en moi le ciel et la lumière...
(a sooty cloud was blackening the sky... making off with the sky and the light inside me...)
mes yeux ne se perdaient plus dans les étoiles qui luisaient au-dessus de moi réellement, mais dans le bleu du ciel de midi
(my eyes were no longer lost among the stars that were shining above me actually, but in the blue of the noon sky)

2 (a) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (I, 1), 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
161,2 × 123,2 × 4 cm

2 (b) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (I, 2), 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
121,3 × 88,7 × 4 cm

3 \ *Le ciel arachnéen* (1), 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
30,4 × 31,2 × 4 cm

4 (a) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (II, 1), 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
161,2 × 123,2 × 4 cm

4 (b) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (II, 2), 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
121,3 × 88,7 × 4 cm

5 \ *Découvre le ciel dans le bas*, 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
162 × 214 × 4

6 (a) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (III, 1), 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
161,2 × 123,2 × 4 cm

6 (b) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (III, 2), 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
121,3 × 88,7 × 4 cm

7 \ *Daydreams* (I), 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão,
158,6 × 214 × 5 cm

le ciel était d'un bleu vif, mais tout avait lieu comme si l'orage allait éclater
(the sky was bright blue, but everything was happening as though a thunderstorm were about to break)

un nuage de suie noircissait le ciel... il dérobait en moi le ciel et la lumière...
(a sooty cloud was blackening the sky... making off with the sky and the light inside me...)
mes yeux ne se perdaient plus dans les étoiles qui luisaient au-dessus de moi réellement, mais dans le bleu du ciel de midi
(my eyes were no longer lost among the stars that were shining above me actually, but in the blue of the noon sky)

2 (a) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (I, 1), 2021
Inkjet print on cotton paper
161,2 × 123,2 × 4 cm

2 (b) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (I, 2), 2021
Inkjet print on cotton paper,
121,3 × 88,7 × 4 cm

3 \ *Le ciel arachnéen* (1), 2021
Inkjet print on cotton paper,
30,4 × 31,2 × 4 cm

4 (a) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (II, 1), 2021
Inkjet print on cotton paper,
161,2 × 123,2 × 4 cm

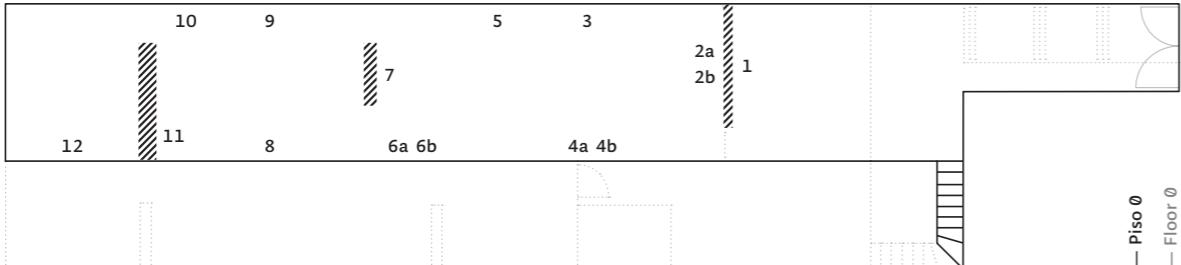
4 (b) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (II, 2), 2021
Inkjet print on cotton paper,
121,3 × 88,7 × 4 cm

5 \ *Découvre le ciel dans le bas*, 2021
Inkjet print on cotton paper,
162 × 214 × 4

6 (a) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (III, 1), 2021
Inkjet print on cotton paper,
161,2 × 123,2 × 4 cm

6 (b) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then* (III, 2), 2021
Inkjet print on cotton paper,
121,3 × 88,7 × 4 cm

7 \ *Daydreams* (I), 2021
Inkjet print on cotton paper,
158,6 × 214 × 5 cm

**Legenda:**

— PT —

Piso 0**1 \ Dirty, 2021****Sete folhas de papel de pergaminho cada uma com projecção anterior****le ciel était immense, il était pur, et j'aurais voulu rire dans l'eau****(the sky was vast and pure; and, there in the water, I would have liked to laugh)****elle demeurait très belle, pourtant son visage se perdait dans cette lumière, il se perdait dans le gris du ciel****(she was still beautiful; nevertheless her face kept dissolving in that light, dissolving in the gray of the sky)****et j'aurais pu croire, émerveillé, que nous tombions dans le vide du ciel****(she was still beautiful; nevertheless her face kept dissolving in that light, dissolving in the gray of the sky)****attendait, debout sous le ciel, dans une rue étrangère, où jamais il n'était venu, il ne savait quoi d'impossible**
(under the sky in a foreign street where he had never been, waiting for some unknown, impossible event)**Captions:**

— EN —

Floor 0**1 \ Dirty, 2021****Seven sheets of parchment paper with back-projection each****le ciel était immense, il était pur, et j'aurais voulu rire dans l'eau****(the sky was vast and pure; and, there in the water, I would have liked to laugh)****elle demeurait très belle, pourtant son visage se perdait dans cette lumière, il se perdait dans le gris du ciel****(she was still beautiful; nevertheless her face kept dissolving in that light, dissolving in the gray of the sky)****et j'aurais pu croire, émerveillé, que nous tombions dans le vide du ciel****(she was still beautiful; nevertheless her face kept dissolving in that light, dissolving in the gray of the sky)****attendait, debout sous le ciel, dans une rue étrangère, où jamais il n'était venu, il ne savait quoi d'impossible**
(under the sky in a foreign street where he had never been, waiting for some unknown, impossible event)

Memory finds its way into impossible shapes and specks that erode vision.

As Georges Didi-Huberman writes in *Survival of the Fireflies*, "The image isn't much: a remnant, a crack. An accident of the time that renders it momentarily visible or readable." This describes the works by AnaMary Bilbao: visible time, accidents of time that survive oblivion, fireflies, "luminous bodies passing in the night", in Walter Benjamin's beautiful definition. And, as we have already said, Blanchot's night⁷ and the blue sky are two sides of the same coin. The image rescues memory and reveals the inexorable passage of time, it saves one memory and condemns all others — broken and fragmented, it endeavours to survive the passage of time.

AnaMary Bilbao's work exists in this ambivalent position, a space where the sky has lost its majesty, and the colour blue is nothing but a trace — Derrida again — of the physical corrosion of time. A space where love is made on a tomb and paths lead nowhere — Heidegger again. A space where there is always an Almost that unsettles everything.

This oscillation "between the final imminence of death and a possibility of liberation and redemption" — as the artist describes *La Mort*, the poem by Bataille from which she took the verse that is used as the exhibition's title — is nothing more than the imperfect remnant of that blue of noon. Finitude. A crack. Incompleteness. A remnant of silver nitrate, a suspended gesture that opens history, a landscape that no longer heals.

And so many other things that lie beneath these works that we cannot fully grasp.

X

¹ Reference to the female character in the book who also plays with the female figure as an inverted ideal.

² *The Imp of the Perverse* (1845)

³ The vertigo one feels when gazing at the "blue melody" or the "immense blue sky", as Bilbao explains, is the same one feels when "falling" in decadence (*déchéance*), as Bataille writes in his work, an approach to the religious that deconstructs the relation between immanence and transcendence, physicality and spirituality, much like the works we can see in this exhibition.

⁴ Essay by Bruno Marchand, written for AnaMary Bilbao's solo exhibition *The last gleam of a dying star*, at Uma Lulik, December 2018.

⁵ A reference to the ephemeral and to the passage of time, to the finite nature of being and to the flower as a metaphor of metaphysics, which Angelus Silesius described with the words: "The rose is without 'why'; it blooms simply because it blooms" and that Heidegger recovered to define the relationship between being and nothingness.

⁶ "Side by side, the two images intensify uncertainty" Bilbao explains in her perfect definition of *montage* and Roland Barthes' *troisième sens* — another reference whose shadow is present throughout the entirety of Bilbao's artistic process.

⁷ This absolute of Blanchot's "other night" is closely related to Bataille's light: "Dans cette nuit opaque, je m'étais rendu ivre de lumière". But that is a broader issue.



11 \ *Daydreams (IV)*, 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão, 25,9 x 37 x 4 cm
Daydreams (IV), 2021
Inkjet print on cotton paper, 25,9 x 37 x 4 cm
Fotografia \ Photography Bruno Lopes



Vista da exposição \ Exhibition view
Da esquerda para a direita \ From left to right
2 (a) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then (I, 1)*, 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão, 161,2 x 123,2 x 4 cm
I am still not sure how long we will stay here and where we will go then (I, 1), 2021
Inkjet print on cotton paper, 161,2 x 123,2 x 4 cm
2 (b) \ *I am still not sure how long we will stay here and where we will go then (I, 2)*, 2021
Impressão a jacto de tinta em papel de algodão, 121,3 x 88,7 x 4 cm
I am still not sure how long we will stay here and where we will go then (I, 2), 2021
Inkjet print on cotton paper, 121,3 x 88,7 x 4 cm
Fotografia \ Photography Bruno Lopes